

CEDI
1.730
519175

Cruzeiro
30.11.68



OS TIRIÓS

A TRIBO DA PAZ



Agora, além da FAB, a Fundação Nacional do Índio abastece os tiriós.

Êles são alegres, sadios, e nunca entraram em guerra com ninguém

— Paho, Imucu, Espiritu Santu, Etutau.

Com o nome do Pai, frei David inicia a missa na tribo dos tiriós. Os índios ajoelham, rezam, pedem a *Deusu* (Deus) muita caça e dias felizes. A missa é rezada em língua tirió, e as orações são adaptadas aos seus costumes e vida.

As dezenas de tabas dos tiriós quase se perdem na vastidão do, agora, Parque Nacional do Tumucumaque, no norte do Brasil, no Estado do Pará, fronteira com o Suriname (antiga Guiana Holandesa). Dentro dos 30 mil km² do Parque não há cidades nem vilas. Os únicos civilizados que moram ali são religiosos e estudiosos. Com os tiriós vivem os franciscanos. A tribo recebe assistência da FAB através de um avião que a visita de 15 em 15 dias.

Os tiriós conhecem alguns confortos da civilização. Os freis levaram até lá um gerador elétrico e um rádio, que faz contato diário com Óbidos. Um velho jipe Mer-

cedes-Benz é o único veículo a motor no Tumucumaque.

Os religiosos procuram não influenciar muito na vida da tribo. Os costumes são respeitados, mesmo não sendo dentro dos conceitos cristãos. Entre os tiriós, usa roupas quem quer. A maioria, entretanto, prefere andar vestida porque acha bonito. Mesmo com os costumes civilizados, a estrutura dos índios continua a mesma. Isto foi possível porque dentro do Tumucumaque não se encontram aglomerados civilizados. Os índios vivem bem, sem doenças, sem degeneração de raça — em paz.

TUMUCUMAQUE

Quando o DC-3 da Fundação Nacional do Índio, do Ministério do Interior, desceu na pista de terra junto à aldeia dos tiriós, estava se

efetivando um sonho de 40 anos de Assis Chateaubriand: um Parque que conservasse às gerações futuras uma amostra da Amazônia original, preservando sua fauna, sua flora, sua gente. Livre do contato destruidor dos civilizados.

O dr. Queiroz Campos, presidente da FUNAI — Fundação Nacional do Índio —, foi até Tirió para nomear o primeiro administrador do Parque Nacional do Tumucumaque. O homem escolhido era o dr. Protásio Friel, etnólogo e antropólogo do Museu Goeldi, em Belém do Pará. Ele vive, em companhia da mulher, a maior parte do seu tempo no meio dos índios. Estuda e pesquisa seus costumes e sua história. Agora ele também administrará o Parque, o que não é uma tarefa difícil: ele fala a língua de todas as tribos do Tumucumaque.

Para se chegar até o dr. Protásio Friel, tem que se viajar duas horas no velho jipe dos missionários, correndo por uma trilha esburacada no meio dos campos da

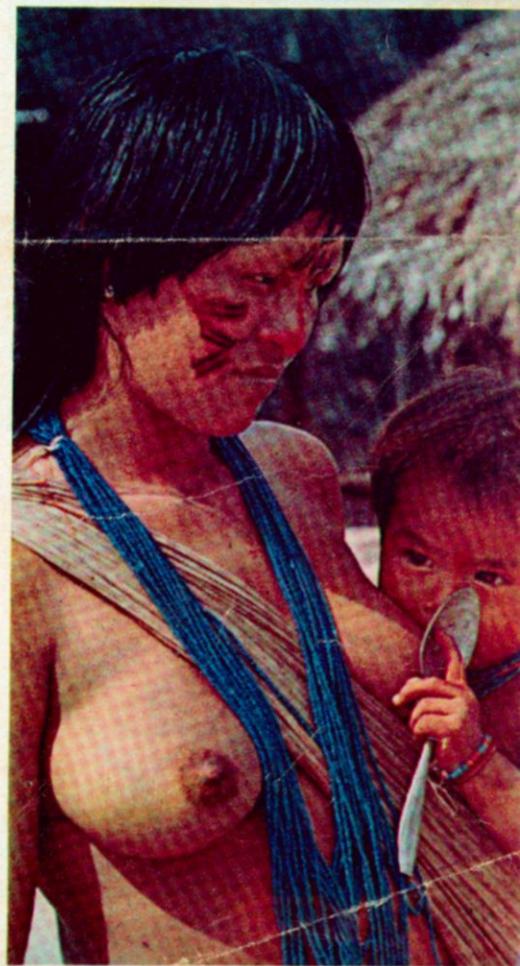
região. Dr. Protásio vive junto à casa de Yúnare, o cacique dos tiriós. Yúnare fez sua moradia ali, no meio de uma pequena clareira no mato, há 18 km da tribo. Deste lugar ele dirige seu povo, recebe informações e manda ordens. Ele isolou-se porque sentiu que a presença dos religiosos na tribo poderia diminuir sua autoridade junto ao povo, apesar dos freis não interferirem nos negócios dos tiriós. Mas Yúnare, bom político, achou melhor mudar para longe, onde continua a governar com a mesma liderança e sem o perigo do desgaste.

O PARQUE E O SONHO

O Parque Nacional do Tumucumaque foi criado por um decreto do governo federal, em maio deste ano. Tem cerca de 30 mil km² e toma toda a fronteira com o Suri-

SÉ YÚNARE, O CACIQUE, PODE TER MAIS DE UMA MUL

Os franciscanos procuraram não alterar os costumes da tribo. No Tumucumaque, anda vestido apenas quem quer.





A fôrça da raça. Os tiriós são fortes, sadios e hábeis caçadores. O espelho, entre êles, é objeto de valor.

HER. TEM TRÊS



Putu-Puturi ainda não tem dez anos. Já sabe caçar, pescar, nadar, aprendeu a escrever e adora os franciscanos.

ACHEF COMANDA A TRIBO QUANDO SEU TIO ESTÁ FORA

name. Na serra do Tumucumaque nascem numerosos rios, entre campos e selvas densas. Os índios tiriós não são os únicos da região. Existem tribos que ainda não tiveram o primeiro contato com os civilizados. Dentro do Tumucumaque vivem, praticamente, tôdas as espécies de pássaros, peixes e animais da Amazônia. Com a criação do Parque ficam proibidas a construção de cidades e a incursão, sem autorização, de civilizados, protegendo, assim, a natureza virgem. Conservando um pedaço da Amazônia intacta — o velho sonho de Chateaubriand.

Um dos homens que ajudaram a tornar realidade o Parque do Tumucumaque foi John Dalgas Frisch, o *homem dos passarinhos*, o primeiro ornitólogo a gravar o canto do uirapuru. Em 1964, o Velho Capitão o convocara para participar da empreitada pela realização do Tumucumaque. Agora, Dalgas Frisch participou da expedição pela Fundação Nacional do Índio. Ficou algumas semanas no Tumucumaque, gravando canto de pássaros, reconhecendo a região.

A GENTE

Frei Angélico é um alemão que, dos seus 57 anos, já passou 30 no meio dos índios. Fala tirió com sotaque germânico. Os índios acham gozado, mas entendem. O frei vive de camiseta, queimado do sol, tem uma risada franca e um barba branca e comprida. É chamado de *Paho* (pai) pelos índios, o título máximo que um branco pode ganhar. Ele é o responsável pela missão.

Os missionários no Tumucumaque não são muitos. Com frei Angélico vivem frei David, o mais moço, de 26 anos, que é estimado pela tribo e fala muito bem tirió;

e frei Cirilo, uma espécie de faz-tudo, que conserta motores, cuida da serra de madeira e ensina aos índios a mexer com tábuas. Junto aos religiosos moram também um enfermeiro (leigo), seu Aldo Epi, conforme os índios o chamam. Epi quer dizer remédio em tirió. O apelido foi devido à profissão. Além dos homens, vivem ainda três freiras, cuidando da parte feminina da tribo, cozinhando e ensinando um pouco de higiene. Atualmente, a irmã de frei David, Lurdes, ainda noviça, está fazendo uma experiência. Se gostar daquela vida vai ficar para sempre.

Os tiriós são um povo alegre, riem muito, vivem em paz com outras tribos. Alimentam-se mais de caça (a região onde moram é rica em manadas de porco selvagem e jabutis). Pescam também, mas este não é o forte do povo. Junto aos tiriós, na mesma aldeia, vivem os cachiuanas, uma tribo irmã que morava longe, às margens do Rio Trombeta. Eles se aproximaram dos tiriós porque a região onde habitavam encheu-se de civilizados. Viviam desprotegidos e a doença ameaçava de aniquilamento toda a tribo.

A aldeia é chefiada por Achef, sobrinho de Yúnare, que substitui o tio na sua ausência. Achef é um índio forte, autoritário. Um dos poucos da aldeia que fala português. Por isto mesmo ajuda aos freis na missa, alfabetiza a tribo, ensinando a escrever em tirió, já que os freis criaram a escrita da tribo. Ele gosta dos costumes antigos do seu povo, mas não dispensa os confortos da civilização. Usa relógio em vez do sol, e, como a maioria dos tiriós, trocou o arco e flecha por uma espingarda 22. Entretanto, continua sendo bom na pontaria com qualquer das duas armas. Quando falta munição sai com seu arco, e nunca volta sem caça.

Os costumes básicos da tribo tirió ainda continuam mais ou me-

nos os mesmos. O casamento é realizado logo que a índia atinge 15 ou 16 anos. Os rapazes casam um pouco mais cedo, entre 14 e 15 anos. O sexo é levado a sério. Têm muito senso de pudor, mas não fazem tabu do assunto. O amor entre os casais é puro, dura para toda a vida. Os franciscanos dizem que amor tirió nasce no casamento e continua o mesmo até o fim da vida. É comum ver-se casais de velhos trocando carinhos como se estivessem no primeiro dia de casados. São raríssimos os casos de separação. A poligamia só é permitida ao cacique, um velho costume. Yúnare tem 3 mulheres. Tanto ele como elas vivem na mais perfeita harmonia. É uma honra ser a escolhida do chefe.

O sistema político da tribo é perfeito. Uma espécie de socialismo primitivo. Não existe a posse exclusiva. Comida, utensílios, casa — tudo é bem comum que todos desfrutem. Não existe disputas. Assim, a paz está garantida.

PUTU-PUTURI

No meio das dezenas de crianças tiriós, filhos dos quase 300 índios, destaca-se um indiozinho simpático que vive com um permanente sorriso alegre no rosto redondo. Ele é Putu-Puturi. Seu nome traduzido para o português quer dizer "preguiinho".

Putu-Puturi vive livre, anda pelo mato caçando, nada bem. Tem também suas obrigações, como todo menino. Aprende a escrever em tirió com Achef e ajuda os freis em trabalhos mais fáceis. Aliás, ele gosta de ficar por perto do frei Angelino. Sempre que possível ele sai no jipe para umas voltas. É sua brincadeira predileta. Outra brincadeira que Putu costuma praticar é flechar as galinhas que as

freiras trouxeram de Belém. Ele acha galinha uma presa muito fácil, ainda mais no galinheiro. Ele faz isto escondido; as freiras sabem mas fingem que não vêem. O pai de Putu, como todo o pai índio, é muito ciumento e não gostaria que seu filho fosse repreendido. O jeito é esperar que Putu cresça mais um pouco e vá caçar aves de verdade.

A foto colorida de Roberto Carlos está pregada na parede da cabana de Putu-Puturi. Ele achou em uma velha revista do frei David. Putu não sabe quem é Roberto Carlos, nem ao menos que ele canta. Apenas acha, por causa do cabelo comprido, que "aquê é um tirió que vive longe". É assim Putu-Puturi.

UM DIA ESPECIAL

Hoje foi um dia especial para toda a tribo: dia de visitas. E o indiozinho também modificou um pouco suas brincadeiras. Ajudou a descarregar o avião, se pintou todo, como em dia de festa, e fez pose para os fotógrafos. A tarde toda passou por perto dos civilizados. E agora, à noite, reuniu-se com o resto da tribo para assistir às aulas de Achef, sob a luz fraca do poste, na quase pracinha no meio das tabas. Ele ouve com atenção as histórias compridas que o professor conta. É assim que Achef ensina, devagar, explicando muito. As mulheres e os homens aprendem.

Em tôdas as aulas Putu gosta de sentar bem perto do quadro-negro, para aproveitar a ponta de giz que cai. As aulas de Achef são compridas, Putu está cansado. Depois de quase duas horas de explicações, cochilando, Putu vai para sua rede. Está terminando o seu dia, dia de índio tirió.



Frei David e frei Angélico celebram missas diárias ao amanhecer. À noite (embaixo), Achef dá duas horas de aulas aos tiriós.



Sem o rio os tiriós não saberiam viver. Nos dias de calor o banho é inevitável.



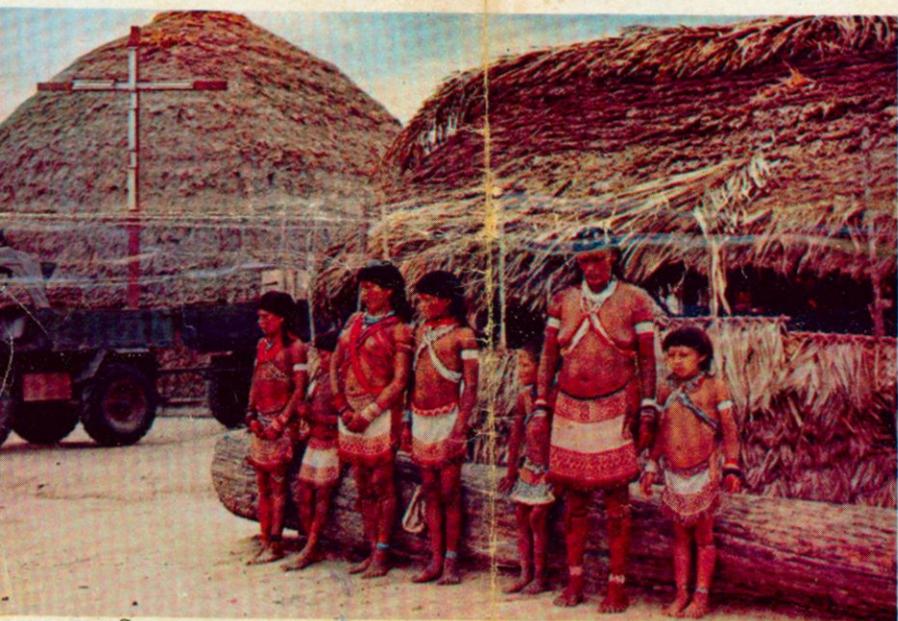
Cortando uma das regiões mais ricas do país, a MG-130 serve de esquadro para arroz, milho, feijão e cana-de-açúcar produzidos no Triângulo.
O CRUZEIRO, 30-11-1968



Os tiriós vivem, sobretudo, da pesca nos rios do Tumucumaque.



O amor para sempre. Os tiriós se casam, têm filhos e nunca se separam.



Com a assistência médica, a mortalidade infantil está desaparecendo.

Os tiriós. No norte do Pará, na Serra do Tumucumaque, eles vivem em tribo sob a orientação dos franciscanos. Estão no recém-criado Parque Nacional do Tumucumaque, e seu único contato com a civilização se faz através de um avião da FAB que lhes leva mantimentos. Eles vivem em paz, entre os tiriós não há guerras. Nunca houve. Uma tradição que eles insistem em manter é quanto à união do casamento — jamais se separam depois de casados. Um chefe os dirige: Yúnare, o Forte.

